

EDITORIAL REBEH V.4 N.15 (2021)

A **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (ReBEH)** é uma realização da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH). A ABEH é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 2001, que tem como principal proposta fomentar e realizar intercâmbios e pesquisas sobre a diversidade sexual e de gênero. Ela congrega professores/as, alunos/as de graduação e pós-graduação, profissionais, pesquisadores/as, ativistas e demais interessados/as nas temáticas de gênero, sexualidade e raça/etnia.

A ReBEH foi pensada como alternativa de produção de conhecimento na temática de diversidade de gênero, sexual e étnico-racial, ampliando a produção editorial da ABEH que ocorria a cada dois anos em cada congresso. A ReBEH tornou-se um espaço para novas publicações, passando a partir do ano de 2021 a ser publicada em edições quadrimestrais, contendo seções com distintas características possibilitando a comunicação de trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores de todos os níveis de formação.

Nesta edição, como em todas da REBEH, tivemos a contribuição de pessoas que nos apoiaram na revisão textual: Bruna Andrade Irineu, Alexandre Bortolini, e Rodrigo Borba. Além disso, no processo de Diagramação, agradecemos a Alexandre Bortolini e Luciana Marshall. Estendemos nossos profundos agradecimentos as e aos pareceristas que compuseram o Comitê de Avaliadores (as) desta edição: Marcela Corrêa Martins Amaral (UFG), Ana Cristina Conceição Santos (UFAL), Elaine Nascimento (UFPI), Luara Dias Silva (UFPI), Guilherme Gomes Ferreira (UFRGS), Dayana Brunetto (UFPR), Maria Clara Brito Gama (UERJ), Rafael Braga Esteves

(UFRJ), Junior Araujo Sousa (UNISANTOS), Ettore Stefani de Medeiros (PUC-MG), Rick Afonso-Rocha (UESC) e Luiz Felipe Zago (USP).

Na capa deste número, contamos com a pintura, de autoria de Ani Ganzala, que foi adaptada na arte da REBEH por Luciana Marshall. Cabe ressaltar, que a ilustração foi livremente inspirada pela artista em articulação com o tema do dossiê deste número. De modo que, o presente número da REBEH expressa, sobretudo, o afã de nossa Associação em apoiar estudos acerca da re-existência enquanto resistência, nas potentes encruzilhadas, nos corpos, das marcações sociais de classe, raça, gênero e sexualidade.

O dossiê "Sapatão e Preta!" adquire uma conotação particular, tanto por nomear aquelas que são costumeiramente invisibilizadas quanto por se seguir ao dossiê sobre participação política LGBTI+, dado que aponta para os caminhos das identidades políticas dessas mulheres, muito além do restrito âmbito privado e submetido à branquitude, à heteronormatividade e à cisnormatividade que costumam regular o senso comum acerca dos lugares que elas ocupam. Inclusive no que se refere ao significado mesmo dessa dimensão pública da lesbianidade interseccionalizada com a negritude: serão encontradas nestas páginas "ativistas", não apenas acadêmicas, como Ani Ganzala, que produzem imaginários e com isso conexões outrora incabíveis para o pensamento compartimentalizado de muitos, como a união entre as feministas negras, as feministas lésbicas e as transfeministas.

Necessariamente transita também, este dossiê, pela literatura, lugar privilegiado para a expressão das brasileiras lesbianas, quando lembramos da obra de Cassandra Rios, a "safo de Perdizes", escritora best-seller e igualmente perseguida e censurada pelo regime autoritário instalado no Brasil pelo Golpe de 1964, por falar da sexualidade e do afeto romântico entre mulheres, tantas vezes vividos atrás de "muros altos", mas que fora colocado na cena pública, por meio da ficção das variadas análises teóricas e empíricas que aqui se encontram à disposição. A visibilidade massiva é apanágio do

ideário das Paradas do Orgulho LGBTI+ e da mídia que as cobre, porém, essas mesmas costumeiramente falham em mostrar as diversidades da mulher sapatona. Convidamos-lhe, pessoa leitora, a encontrar nesta nova edição da REBEH, o fruto de um trabalho monumental de organização do pensamento lésbico contemporâneo, sob um enfoque nacional.

Na seção **Entrevistas**, a artista Ani Ganzala é entrevistada por Crislaine Rosa e Luana Oliveira. Negra, mãe, sapatão e artista decolonial, a soteropolitana Ani Ganzala é reconhecida por elaborar, em suas aquarelas e graffitis, uma representação das encruzilhadas que constituem os corpos negros, sapatão, candomblecistas, gordos, e tantos outros. Ela se apropria de diversos recursos estéticos para retratar não apenas o cotidiano à sua volta, mas as cosmovisões produzidas pelo encontro destas identidades. No momento em que passamos por uma grave crise sanitária, social e econômica no Brasil, com a perda de mais de 553 mil vítimas para a Covid-19, nesta entrevista Ani Ganzala nos oferece um bálsamo para atravessar tempos difíceis, apontando saídas coletivas produzidas por um saber ancestral. Ela também desenvolve sua percepção acerca de temas específicos, já mencionados em sua escrita de si, como a maternidade não recomendada, o amor sapatão e o ativismo.

Neste bojo, apresenta-se o **Dossiê Temático “Sapatão e preta!”: conexões entre identidade política, performatividades de gênero e corpos racializados**, organizado pelas/os pesquisadoras Ana Cristina Santos, Elaine Nascimento, Marcela Amaral e Luara Dias, que reúne 7 textos de pesquisadoras de distintas áreas de conhecimento e regiões do país, e que serão apresentados no primeiro texto desta seção.

Na seção de **Tema Livre**, apresenta-se 4 artigos. Luís Felipe Rios discute as articulações entre estilizações de gênero, posições sexuais, classes sociais e parcerias sexuais entre homens que fazem sexo com homens (HSH), por meio de inquérito comportamental, aplicado a 380 HSH da Região Metropolitana do Recife, no texto intitulado *Da hierarquia à igualdade? Parcerias sexuais, estilizações de gênero e*

classes sociais entre homens com práticas homossexuais. A relação entre estilizações e posições tem significância estatística e atualiza o modelo hierárquico masculino/ativo (sexo anal insertivo) e feminino/passivo (sexo anal receptivo). Não obstante isso, 83,3% dos respondentes são versáteis (sexo anal insertivo e receptivo), o que abre mais possibilidades de parcerias sexuais prazerosas, desreguladas do modelo masculino/feminino. Há seis vezes mais rejeição pelos entrevistados à característica efeminado do que à característica másculo. Há predominância de desejo por parcerias simétricas (masculino/masculino e feminino/feminino), estatisticamente associadas à escolaridade. O estudo de Rios apontou ainda, que o próprio desprestígio erótico dos homens femininos é impulsionador da simetria, sugerindo a existência de uma hierarquia de gênero na configuração da igualdade.

Em “*Educação superior e consciência política: percursos das ativistas do Lutas e Cores e da Marcha Mundial das Mulheres em Caruaru-PE*”, Allene Lage e Perycles Macedo refletem sobre como a educação superior pode auxiliar no processo de desenvolvimento da consciência política. Para tanto, contamos com a colaboração das ativistas organizadas na Marcha Mundial das Mulheres e no Coletivo Lutas e Cores de Caruaru-PE com curso superior concluído. Os resultados da pesquisa apontam para a existência de três grupos de consciência política antes do ingresso na educação superior: a consciência política não desperta, a consciência política parcialmente desperta e a consciência política desperta. Todos os três grupos foram transformados de diferentes maneiras após o ingresso na educação superior. O estudo conclui que essas transformações ocorrem principalmente através da proximidade que a educação superior proporciona, não somente com as discussões científicas, mas também com os movimentos sociais.

Em “*Corpos em re-existência: Limites e problematizações acerca da festa de Momo e do controle dos corpos*”, Anderson Ferrari, Danilo Oliveira e Nathalie Machado partem da premissa de que em uma sociedade do enquadramento como a nossa, alguns

corpos chamam mais atenção que outros. Logo, são os corpos que chamam atenção pela dificuldade de classificação, enquadramento e controle que nos interessa nessa análise. É a tensão que esses corpos causam que queremos assumir como foco para problematizar nossas formas de ser, existir e re-existir. Para isso, vamos trabalhar com a perspectiva foucaultiana nas suas relações entre os modos de subjetivação, saber e poder.

No artigo “*Enfrentando a crise pelas margens: experiências de pessoas LGBTI+ durante a ‘primeira onda’ da pandemia de Covid-19 no Rio*”, de Luan Cassal e Billy Haworth discutem experiências de pessoas LGBTI+ vivendo nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo durante a ‘primeira onda’ da pandemia de Covid-19, em 2020. Através de entrevistas semi-estruturadas, identificamos como condições estruturais fazem com que esta população esteja especialmente exposta aos impactos da pandemia, enquanto respostas governamentais a crise ignoravam suas necessidades específicas. Os autores percebem desigualdades em função de raça, gênero e classe na própria comunidade LGBTI+, levando a vulnerabilidades desiguais e estratégias de enfrentamento conforme as condições específicas das pessoas entrevistadas. Os serviços especializados para população LGBTI+ sofreram severas interrupções, fazendo com que movimentos sociais e grupos organizados criassem ou intensificassem suas próprias respostas, a parte ou até apesar do Estado. Ainda que a comunidade LGBTI+ demonstre a possibilidade de resistência e organização, enfatizamos que a omissão de responsabilidade das autoridades públicas na pandemia Covid-19 teve consequências significativas.

Boa leitura!

Editorial Chefe

Jaqueline Gomes de Jesus (IFRJ)
Bruna Andrade Irineu (UFMT)
Alexandre Bortolini (UFRJ)
Leonardo Peçanha (Fiocruz)

Referências

- BRAGA, Tharine Soares Braga; CORATO, Carmen. Lesbianidades Negras: da invisibilidade à luta por políticas públicas. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.81-109, 2021.
- CASSAL, Luan Carpes Barros; HAWORTH, Billy Tusker. Enfrentando a crise pelas margens: Experiências de pessoas LGBTI + durante a ‘primeira onda’ da pandemia de Covid-19 no Rio de Janeiro e em São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.307-335, 2021.
- COELHO, Mayana; FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade. Movimento feminista lésbico e negro e a desconstrução da hegemonia do conhecimento na universidade. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.110-137, 2021.
- FERRARI, Anderson Ferrari; OLIVEIRA, Danilo Araujo MACHADO, Nathalye Nallon. Corpos em re-existência: limites e problematizações acerca da festa de momo e do controle dos corpos. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.281-306, 2021.
- GONZAGA, Paula Rita Bacellar. “A gente faz arte pra não morrer”: Definições de si e de mundo a partir de produções de artistas negras lésbicas e bissexuais. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.55-80, 2021.
- HILÁRIO, Rosângela Aparecida. PEDROSA, Miriam Rodrigues. Maternagens insurgentes: Mãe sim, Preta sim, Sapatão também. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.180-203, 2021.
- KESSLER, Cláudia Samuel; DUARTE, Andressa Mourão. Interseccionalidade, dororidade e empoderamento: As “preta-sapatão-feminista” do Sul. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.160-179, 2021.
- LAGE, Allene Carvalho MACÊDO, Perycles Emmanoel Gomes. Educação superior e consciência política: percursos das ativistas do Lutas e Cores e da Marcha Mundial das Mulheres em Caruaru-PE. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.249-280, 2021.
- PAIM, Mariana Souza. Entre silêncios e vertigens: Representação da lesbianidade em “Domingas e a cunhada” e “Beijo na Face”. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.37-54, 2021.
- NASCIMENTO, Elaine Ferreira; SILVA, Luara Dias; SANTOS, Ana Cristina Conceição AMARAL, Marcela Corrêa Martins Amaral. Sapatão e preta! conexões entre identidade política, performatividades de gênero e corpos racializados. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.7-8, 2021.
- RIOS, Luís Felipe. Da hierarquia à igualdade? Parcerias sexuais, estilizações de gênero e classes sociais entre homens com práticas homossexuais. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.219-248, 2021.
- ROSA. Crislane Palma da Silva; OLIVEIRA. Luana Farias. "Nossos corpos estão preparados para se recuperar": Uma entrevista com Ani Ganzala. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.09-36, 2021.
- SILVA, Luara Dias. NASCIMENTO, Elaine Ferreira. A exclusão de corpos dissidentes: sapatonas negras caminhoneiras e o mercado de trabalho como um desafio. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.204-218, 2021.
- TEIXEIRA, Allyne da Silva; TAKARA, Samilo. A representatividade negra lésbica nas mídias: outras feminilidades possíveis. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 4, n. 15, p.138-159, 2021.